

HISTÓRIA REGIONAL: INTERDISCIPLINARIDADE E IDENTIDADE REGIONAL

Sedenir Fiore *

RESUMO:

Este artigo apresenta uma reflexão acerca do conceito de região nas diversas ciências e sua importância para a História Regional e faz uma breve análise da construção da identidade regional no Oeste de Santa Catarina. Esta leitura apresenta a idéia de que a História Regional é um conceito em construção, porém com o aporte de outras ciências, se torna uma abordagem importante para a historiografia, o artigo ainda sinaliza que o reconhecido complexo agroindustrial da região Oeste de Santa Catarina tem sua gênese na constituição da identidade empreendedora dos colonizadores.

PALAVRAS CHAVES: Historia Regional, Identidade, Região.

ABSTRACT:

This article presents a reflection on the concept of region in the various sciences and their importance to the Regional History and a brief analysis of the construction of regional identity in western Santa Catarina. This reading presents the idea that history is a regional concept in construction, but with the input of other sciences, becomes an important approach to historiography, yet the article indicates that recognized the agroindustrial complex of the western Santa Catarina has its genesis in the constitution of entrepreneurial identity of the colonizers.

KEYWORDS: Regional History, Identity, Region.

1. INTRODUÇÃO:

A partir de 1980, vários cursos de pós-graduação pelo Brasil passaram a desenvolver teses e dissertações com temáticas que, embora fossem nacionais, problematizavam a esfera regional. A importância deste enfoque cresceu cada vez mais com estudos que contribuíram para estudos mais qualitativos. Este artigo tem o objetivo de abordar algumas das interpretações que destacam a importância da história regional, inclusive para a compreensão dos sistemas mais amplos que a contém.

Atualmente quando se fala em História Regional estamos tratando da abordagem historiográfica que trata de uma pesquisa que até pouco tempo atrás era sinônimo de algo menor em relação às abordagens que supostamente abarcavam o nacional.

2. O CONCEITO DE REGIÃO NAS CIÊNCIAS

* Mestrando do Programa de Pós- Graduação em História da Universidade de Passo (UPF). E-mail: sedenir.fiore@yahoo.com.br.

Por ser uma discussão ainda latente na ciência, a definição do conceito de região é uma tarefa árdua. Porém esse é um conceito fundamental para as diversas áreas do conhecimento, pois promove novas espacialidades e novas especialidades.

Milton Santos (1997) realizou uma longa discussão acerca do conceito de região na Geografia. Para ele, a região sempre está em oposição dialética à totalidade, ou seja, essencialmente a região se aproxima do local e está em divergência com o global. O autor ainda afirmou que o lugar se constitui tanto da racionalidade local quanto da global e convivem em uma luta dialética.

Ainda na ciência geográfica, Corrêa (1996) afirmou que o conceito de região poderia ser lido por três vias: a primeira entende região como a organização espacial dos processos sociais associados diretamente aos modos de produção, tratando-se da regionalização a partir da Divisão Social do Trabalho, do processo de acumulação capitalista, da reprodução da força de trabalho e dos processos políticos ideológicos; a segunda vai de encontro às reflexões de Bourdieu e define região como um conjunto específico de relações culturais entre um grupo e lugares particulares, uma apropriação simbólica de uma porção do espaço por um determinado grupo e, assim um elemento constituinte de uma identidade; e a terceira via compreende a região como meio para as interações sociais, lugar da luta de poderes.

Uma questão importante a destacar, antes de continuarmos a discussão acerca do conceito em pauta, é a diferenciação entre região e regionalização, trazida pelo também geógrafo Haesbaert:

(...) Em primeiro lugar, admitimos que regionalização é um processo amplo, instrumento de análise para o geógrafo em sua busca dos recortes mais coerentes que dêem conta das diferenciações no espaço. Por outro lado, região, como conceito, envolve um rigor teórico que restringe seu significado, mas aprofunda seu poder explicativo; para defini-la devemos considerar problemáticas como a das escalas e fenômenos sociais mais específicos (como os regionalismos políticos e as identidades regionais) entre aqueles que produzem a diversidade geográfica do mundo. (Haesbaert 1999, p. 17).

Assim, região e regionalização são diferentes, sendo que a regionalização é um conceito da Geografia e se refere diretamente ao espaço territorial enquanto que região ultrapassa essa delimitação podendo ser usada como metodologia ou conceito por outras ciências.

Na sociologia nos interessa a discussão feita por Pierre Bourdieu, em sua obra: O Poder Simbólico, na qual ele definiu região (*regio*) e demonstrou porque esse conceito não é só patrimônio da Geografia, mas das diversas ciências inclusive a História, diz ele:

(...) princípio da divi-são, acto mágico, quer dizer propriamente social (...) uma descontinuidade decisória na continuidade natural. (...) a região é o que está em jogo como objeto de lutas entre os cientistas, não só geógrafos, é claro, que, por terem que ver com o espaço, aspiram ao monopólio da definição legítima, mas também historiadores, etnólogos e, sobretudo desde que existe uma política de regionalização e movimentos regionalistas, economistas e sociólogos. (BOURDIEU, 2002, p.113).

Essa luta das diversas ciências pela tutela do conceito de região se deu no mesmo campo em que aparecem os movimentos regionais em oposição à hegemonia nacional, assim região passou a ser assunto ou tema nas diversas ciências.

Em todas as ciências pode-se observar um ponto comum, é a distinção epistemológica do objeto de estudo, ou seja, em todas as análises parte-se do pressuposto de que região é uma realidade singular, diferente de outra unidade singular. Mesmo que os enfoques sejam diferentes eles são observados a partir de uma unidade epistemológica definida.

Assim, como observou Bourdieu (2002), o discurso voltado para construir a identidade regional é sempre performativo, ou seja, designa uma realidade construída. Segundo ele, região se define pela oposição ao centro, assim, a região está privada do capital simbólico e deve reivindicar sua existência.

A melhor definição de região para a sociologia vem de Fremont, para ele, região se constitui por um espaço de reconhecimento coletivo, onde os atores criam laços culturais com outros atores e com o meio e assim mantém uma coesão simbólica. (FREMONT, 1980).

Para Pierre Bourdieu a região não é uma realidade natural, mas é estabelecida por um ato de vontade, um ato de poder, é antes de tudo, um espaço construído por uma gama de representações (BOURDIEU, 2002), passa a ser um recorte que pode ser não físico, territorial e sim, cultural, econômico, e assim por diante, construindo novas fronteiras para o conceito de região.

Com a perda da tutela absoluta do conceito por parte da Geografia, região passou a significar mais que um recorte territorial. Cada ciência privilegiou uma possibilidade de análise dentro do seu campo de atuação, assim, o recorte regional para o sociólogo

passou a ser, por exemplo, uma classe social, e para o antropólogo, uma cultura em específico, a assim por diante.

O regional se fortaleceu quando surgiu a idéia da constituição regional em oposição à idéia de nação, a busca por fortalecer grupos identitários definidos em uma luta com outras identidades como aponta Bourdieu:

As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular da luta de classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a divisão legítima do mundo social e, por esse meio, fazer e desfazer grupos (BOURDIEU, 2002, p.113).

Assim, a luta por afirmar a identidade, que define a *regio*, se dá na imposição da força simbólica, o que está em jogo é “o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que , quando se impõem ao conjunto do grupo, (...) fazem a realidade e a identidade da unidade e da identidade do grupo”. (BOURDIEU, 2002, p.113). A idéia região então, passa necessariamente pelas relações das forças simbólicas ou econômicas imbricadas pelos agentes, como reafirma Bourdieu:

O regionalismo (ou o nacionalismo) é apenas um caso particular de lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer coletivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas. (BOURDIEU, 2002, p.124)

Não é demais enfatizar que para Bourdieu e para este trabalho, região se define na luta simbólica construída dentro de um discurso performativo e de construção identitária, como reforça Pierre Lévy:

Nenhuma fronteira existe a priori. Sem dúvida há no mundo gradientes e descontinuidades, mas o recorte restrito de um conjunto supõe a seleção de um ou mais critérios para separar o interior do exterior. A escolha desses critérios é, necessariamente, convencional, histórica e circunstancial (LÉVY, 1993, p. 143).

Portanto, uma região só se define pelo seu valor simbólico, construído na trama de relações que apontem para a construção de uma identidade singular frente às diversas

outras identidades. Essa construção pode ser de uma coletividade, de um governo ou de outros atores sociais.

Com isso, temos uma ideia de região em contraposição à ideia de global ou de nação para o realce da identidade própria. Até os dias de hoje em alguns países onde o nacionalismo não está consolidado, pode ser observado o conflito entre a nacionalidade e a regionalidade.

Assim, pensar a categoria região ultrapassa as delimitações geográficas político administrativas e passa a definir-se por novas variáveis cheias de complexas relações. Para Oliveira (1977) uma região é um espaço de conflito onde aparece o econômico, o político e o social, afirma ele:

Uma 'região' seria, em suma, o espaço onde se imbricam dialeticamente uma forma especial de reprodução do capital e por consequência uma forma especial de luta de classes, onde o econômico e o político se fusionam e assumem uma forma especial de aparecer no produto social e nos pressupostos de reposição(...) A recuperação possível da noção de conflito entre nações no sistema capitalista somente pode ser viável quando se incorporam os interesses populares como se opondo à coalisão imperialismo-classes dominantes locais e, portanto, passará a reconhecer que a Nação na periferia do mundo capitalista somente pode ser construída pelas classes populares, e seu vir-a-ser é o socialismo." (OLIVEIRA, 1977, p. 26-29).

Em se falando de História Regional pode-se fazer uma abordagem que atinja os interesses de uma determinada delimitação espacial ou também analisar recortes que não coincidem com os limites geográficos ou político-administrativos, como observou Barros:

Quando um historiador se propõe a trabalhar dentro do âmbito da História Regional, ele mostra-se interessado em estudar diretamente uma região específica. O espaço regional, em importante destacar, não estará necessariamente associado a um recorte administrativo ou geográfico, podendo se referir a um recorte antropológico, a um recorte cultural ou a qualquer outro recorte proposto pelo historiador de acordo com o problema histórico que irá examinar. (BARROS, 2004, p. 152).

Ainda, para Barros, os recortes na História Regional são caracterizados como antropológicos ou culturais e, portanto configurar-se-á em múltiplos recortes que podem ser adjetivados como econômico, político, étnico, entre outros. Estas adjetivações encontradas são frutos, conforme discutiu o autor, de relações sociais estabelecidas anteriormente, e que foram capturadas pelas análises propostas pelo historiador. Portanto:

(...) de qualquer modo, o interesse central do historiador regional é estudar especificamente este espaço, ou as relações sociais que se estabelecem dentro deste espaço, mesmo que eventualmente pretenda compará-lo com outros espaços similares. (BARROS, 2004, p. 153).

Além dessas interpretações apresentadas a História Regional dá a possibilidade do historiador se debruçar sobre a problemática concreta da sociedade e ainda aprofundar esses temas do cotidiano, como destaca Silva:

(...) o estudo regional oferece novas óticas de análise do estudo de cunho nacional, podendo apresentar todas as questões fundamentais da História (como os movimentos sociais, a ação do Estado, as atividades econômicas, a identidade cultural etc.) a partir de um ângulo de visão que faz aflorar o específico, o próprio, o particular. A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade. A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social. (...). (SILVA, 1990, p.13).

A História Regional proporciona, assim, nas palavras de Silva um enriquecimento da historiografia porque, além de apresentar o concreto, também dá a possibilidade de validar as teorias dos estudos macros, sendo que muitas vezes confrontando esses estudos com as análises regionais eles se mostram inadequados ou incompletos. (SILVA, 1990).

Um estudo sobre a economia no início da república no Brasil, por exemplo, poderia apresentar características distintas em São Paulo e Rio Grande do Sul e seria inadequado ou incompleto fazer uma análise colocando essas duas realidades numa mesma perspectiva historiográfica. Seria mais válido um estudo comparativo apresentando diferenças e similaridades nos dois cenários rompendo com estereótipos.

Esta é a questão chave da História Regional e muitos autores buscam através de sua pesquisa mostrar a riqueza da investigação pelo viés regional. Ana Frega em *conflictos Fronterízos em La conformación estatal, 1828-1830*, examina quais conflitos regionais em torno do rio da prata deram origem ao estado do Uruguai, ela destaca os conflitos entre Brasil e Uruguai na região da fronteira. (FREGA, 2005).

Cabe ainda citar a observação feita por Geertz como contribuição da antropologia para o estudo da História Regional, ele chama a atenção para a diversidade dos olhares, o nós e o eles, o antropólogo olha de dentro e o historiador de fora, o ideal para a interpretação do fato é aglutinar esses dois olhares. (GEERTZ, 2001). Assim temos uma visão mais completa do objeto de estudo e como ele se liga aos fatos no âmbito global.

Assim, tanto as contribuições da antropologia, sociologia e da geografia são importantes para a abordagem da História Regional e segundo Le Goff elas se completam e se aproximam para a construção de uma nova História cheia de elementos das diversas ciências (LE GOFF, 1979).

No entanto, temos que ter consciência que nesta abordagem, como em todas dentro do campo científico, o pesquisador deve buscar a afinidade como o objeto de estudo e ter a disposição para a busca e organização das fontes, o que muitas vezes é um trabalho árduo, já que muitas vezes não existem fontes secundárias e é necessário buscar informações nas fontes orais.

Enfim, a abordagem regional dentro da História permite o estudo das peculiaridades que se perdem no estudo global. Com rigor científico essa abordagem permite a ampliação dos estudos de temas esquecidos pela História clássica.

3. HISTÓRIA REGIONAL E IDENTIDADE EMPREENDEDORA NO OESTE DE SANTA CATARINA

A História regional propõe o estudo das identidades a partir da diferenciação destas no contexto global. Essa caracterização identitária segundo Bajaras (2009) pode ser percebidas dentro ou fora das delimitações político-administrativas e podem incluir características geográficas ou culturais específicas.

Para Bezzi (2002) estudar uma região e suas características é entender a dialética entre o velho e o novo na organização do espaço. Assim, o Oeste de Santa Catarina propiciou com suas características culturais próprias da colonização ítalo-germânica a identificação de um colonizador empreendedor.

Desta forma a região do Oeste de Santa Catarina ganhou a roupagem de uma colonização empreendedora que deu origem ao atual complexo agroindustrial, um dos maiores do mundo.

Para Constantino o fato de que a região tenha se caracterizado por uma colonização de migrantes e descendentes de italianos e alemães em sua maioria, evidenciou as diferenças entre um desenvolvimento rural e o desenvolvimento das agroindústrias. (CONSTANTINO, 2000).

Segundo Constantino as cidades ocupadas pela migração italiana ganharam traços próprios dessa cultura refletidos não só na disciplina econômica como na arquitetura, na religião e na administração pública (CONSTANTINO, 2000). Esses traços identitários são percebidos não só nas construções materiais como também nas manifestações imateriais da cultura. Dentre estas podemos inferir a disposição para o empreendedorismo dos colonos migrantes que se instalaram ali.

Assim, o desenvolvimento da agroindústria está, para autores que pesquisam o Oeste de Santa Catarina, ligado a introdução do migrante com seus valores relativos ao trabalho e as ideias de progresso. (CONSTANTINO, 2000). Criou-se assim a imagem dos “colonos abelhas”, referindo-se a disciplina no trabalho característico dos empreendedores das agroindústrias na região.

Sendo assim, a “(...) ligação com elementos próprios de cultura em correspondência com a família, com a terra e com o trabalho”. (TEDESCO, 2001, p.17) fizeram com que o colono e seus descendentes pudessem ascender economicamente e socialmente por meio do desenvolvimento da agroindústria. Acerca da forte ligação entre a cultura do trabalho italiana e o desenvolvimento industrial regional explica Tedesco:

As transformações das relações de produção, tanto nas plantações de café em São Paulo quanto na pequena propriedade no sul, indicam-nos que é possível articular valores culturais italianos com a realidade material, na medida em que a família contempla processos de divisão social do trabalho, de determinação e de formas variadas de acumulação de capital para si e para outros agentes nela envolvidos. (TEDESCO, 2001, p.18).

Essa divisão social do trabalho citada por Tedesco se deu no oeste catarinense através do chamado “sistema de integração”. “Neste sistema, o produtor recebe da empresa os insumos e a assistência técnica necessários para a engorda de suínos e aves e quando os animais estão prontos para o abate são vendidos para a empresa, havendo o desconto dos insumos adquiridos” (BAVARESCO, 2005, p.142). No período de 1970 a 1975, 95% dos frangos abatidos pelas empresas provinham do sistema de integração (INSTITUTO CEPA, 2000).

A partir de 1910 os pequenos empreendimentos agroindustriais iniciados no início da ocupação, com o empenho dos colonizadores, passam a ser grandes agroindústrias dentro do cenário nacional com técnicas avançadas de produção entendidas pela ótica simbólica do imaginário do colono italiano, como relata Tedesco:

No ramo de suínos, já em 1911, as cooperativas rurais, matadouros e frigoríficos começaram a surgir no sul, sendo as responsáveis pelo sistema de crédito e de capitais que possibilitaram parte dos instrumentos técnicos na produção rural e na própria indústria de carne nascente na região. Muitas cooperativas transformaram-se em grandes agroindústrias (...). É importante ver a questão da técnica também na ótica do simbólico, dos imaginários de colonos, que foram se construindo aos poucos no seio dos espaços de imigração italiana. A ótica do planejamento, da redução do custo, da organização da unidade em termos de tempo de trabalho e de produção, o envolvimento com o dinheiro e com os negócios, sempre obedeceram às inovações. (TEDESCO, 2001, p.69/100).

Portanto, a identidade do migrante estabelecido na região Oeste de Santa Catarina foi construída tanto pela possibilidade oferecida na terra de chegada quanto pelas características trazidas de sua cultura, em especial a disciplina no trabalho e a gerencia nos negócios.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aqui construída, alicerçada nos dados apresentados demonstra que é possível apontar a História regional como uma possibilidade de abordagem com rigor metodológico dentro das ciências.

O conceito de região continua a ser elaborado através da contribuição das diversas ciências, tais como a antropologia, a sociologia, a geografia e a História, esse conceito se mantém em construção e é cada vez mais enriquecido com as contribuições dos pesquisadores que buscam este enfoque.

A identidade da região Oeste de Santa Catarina diferencia-se a partir de uma colonização com perfil empreendedor, e da disciplina em relação ao trabalho, essa constatação é possível pela investida de pesquisadores que buscaram o estudo através da abordagem da História Regional.

5. BIBLIOGRAFIA:

BAJARAS, Dení Trejo. **La História Regional em México:** Reflexiones y Experiencias sobre uma prática historiográfica. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

BARROS, José D' Assunção. **O campo da História:** especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. **Ciclos Econômicos Regionais:** modernização e empobrecimento do Extremo Oeste Catarinense. Chapecó: Argos, 2005.

BEZZI, M. L. Região: Uma **(Re)visão Historiográfica – da gênese aos novos paradigmas.** Santa Maria: UFSM, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** 5ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de . **Italiano na Cidade:** A imigração itálica nas cidades brasileiras. Passo Fundo: UPF, 2000.

CEPA/SC - Instituto de Planejamento e economia Agrícola de Santa Catarina Secretaria de Estado da Agricultura e Política Rural. **Migração rural e estrutura agrária no oeste de Santa Catarina.** 2003. Disponível em: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/Publicacoes/migracao.pdf> >. Acesso em: 21/11/2012.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas.** 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

FREGA, Ana; ISLAS, Ariadna; REALI, Laura. Confrontando héroes: una aproximación a las lecturas político-partidarias sobre La independencia del Uruguay (1828). In: **segundas jornadas de historia regional comparada / primeras jornadas de economía regional comparada.** Porto Alegre, 3-6 oct. 2005. Anais em cd-rom.

FRÉMONT, A. **A região como espaço vivido.** Portugal: Livraria Coimbra, 1980.

GEERTZ, Clifford. **A situação atual: Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HAESBAERT, R. Região, diversidade territorial e globalização. In: **Geographia.** Ano I, nº. 1. 1999. p. 15-39. (Revista Eletrônica). Disponível em: <www.uff.br/etc >. Acesso em: 12/12/2012.

LE GOFF, Jacques. O historiador e o homem cotidiano, in: LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média:** Tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: 34, 1993.

OLIVEIRA, F. de. **Elegia para uma Re(li)gião. Sudene, Nordeste, Planejamento e conflito de classes.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção.** 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, V. A. C. Regionalismo: o enfoque metodológico e a concepção histórica. In: SILVA, M. A. da. **República em migalhas: história regional e local**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

TEDESCO, João Carlos. **Um Pequeno Grande Mundo: A Família italiana no meio rural**. Passo Fundo: UPF, 2001.